

**DIA, Mamadou. 3052: *Persiguiendo un sueño*. 7 ed. Barcelona: Hahatay, son risas de Gandiol, 2017.**

As imagens de africanos subsaarianos chegando à costa espanhola em embarcações precárias rodam o mundo por meio das notícias midiáticas. Mas, o que há por trás dessas imagens? Esses imigrantes estariam produzindo alguma literatura que dê testemunho da experiência de imigração, ou das condições de vida do imigrante no novo país?

Foi nessa busca que descobri o relato de teor testemunhal *3052 Persiguiendo un sueño*, de autoria do escritor senegalês Mamadou Dia (1983), publicado pela primeira vez em 2012, pela *Punto Rojo Libros*, editora espanhola especializada em autopublicação. Já em sua sétima edição, a obra agora é publicada sob o selo da ONG fundada por Dia, *Hahatay son risas de Gandiol*, e a arrecadação obtida com as vendas é destinada a apoiar projetos educacionais mantidos pelo escritor no povoado senegalês onde nasceu, Gandiol.

O livro conta com apresentações de Juanje Anduaga e Paco Manuel Reverte, membros de outras ONGs, parceiros de Mamadou Dia no trabalho de sensibilização sobre a condição do imigrante subsaariano na Espanha e ativistas em prol da integração social.

Em pouco tempo de vida na Espanha, Dia conseguiu apropriar-se da língua do *outro* para escrever esse testemunho, em primeira pessoa, sobre a vida em sua comunidade senegalesa, as razões que levam os jovens africanos a se decidirem pela imigração, as agruras da viagem e os dilemas de ser um imigrante ilegal na Europa. O testemunho se divide em *Prólogo*, seguido de 25 capítulos curtos, uma seção intitulada *Reflexiones*, composta de 14 poemas de autoria de Mamadou, e o *Epílogo*. As edições mais recentes contam com um apêndice intitulado *Volver*, em que o escritor senegalês narra a viagem de regresso a Gandiol para iniciar os trabalhos de sua ONG.

Um elemento fundamental na organização textual do testemunho de Dia é a geografia, a começar pelo título escolhido para o relato. *3052* é a distância, em quilômetros, percorrida entre Senegal e Espanha. No subtítulo, *persiguiendo un sueño*, o substantivo *sueño* é uma metáfora para a idealizada viagem de imigração à Espanha.

O escritor senegalês dedica os primeiros 11 capítulos do relato a contar sua origem, as motivações que o levaram a imigrar e a dureza da viagem. Depois de abandonar o curso de administração de empresas que cursava em Dakar, por causa da crise no setor pesqueiro do país (sua família vivia da pesca), Dia decide arriscar a vida

embarcando em uma das precárias *pateras*<sup>1</sup> que constantemente atravessam o mar Mediterrâneo e o oceano Atlântico entre a costa africana e as Ilhas Canárias. Após dias enfrentando as condições mais adversas como superlotação da embarcação, grandes ondas, ventanias, temporais, calor e frio intensos, doenças e enfraquecimento físico e mental, Dia aportou em território espanhol em 2006.

Como a geografia é elemento fundante no testemunho de Dia, ao invés de apresentar a obra seguindo a ordem sequencial dos capítulos, prefiro organizar esta resenha pela perspectiva das representações geográficas que o autor estabelece de África/Senegal *versus* Europa/Espanha.

Na representação que Dia produz sobre o continente e o país de origem, esses espaços são recriados a partir de uma perspectiva positiva. A imagem que Dia propõe ao leitor sobre a África e o Senegal é a imagem de um lugar em que predomina a simplicidade, onde a vida em comunidade é valorizada. No capítulo *El ataya*, por exemplo, Dia explica a cerimônia do *ataya*, uma reunião familiar e comunitária realizada após o almoço, em que todos se reúnem para tomar um chá e conversar. O *ataya* (chá) é colocado pelo autor como uma metáfora representativa do valor que a vida em comunidade tem em sua cultura. O Senegal é qualificado como um país hospitaleiro, onde prevalece a solidariedade.

Vivendo na Espanha, o Senegal narrado por Dia não é mais o Senegal vivido, mas o país recuperado pela memória. O escritor senegalês imaginariamente recria a terra natal de forma afetiva e nostálgica.

Mas, apesar de construir uma imagem afirmativa do continente e do país, Dia não é, definitivamente, um escritor ingênuo, e discute com propriedade os problemas da África. No entanto, ao abordar o continente pelo viés de suas mazelas, o autor não estabelece uma visão negativa, pelo contrário, transfere essa visão negativa para os países ricos aos quais atribui a responsabilidade histórica pelo atual caos africano. No testemunho de Dia, os problemas da África são representados por uma tríade temática que estabelece vínculos entre passado e presente: a escravidão, a colonização e a exploração contemporânea do continente.

---

<sup>1</sup> Pequenas embarcações fabricadas para a caça de patos, inadequadas, portanto, para o transporte de passageiros. São muito utilizadas pelos imigrantes africanos que desejam chegar à Europa, porque são embarcações de baixo custo e manutenção. Diminutas, são mais difíceis de serem rastreadas pelo controle náutico dos países europeus.

Ao recorrer reiteradamente ao tema da escravidão, Dia revela o discurso de um cidadão dotado de memória histórica e coletiva, como no capítulo *En camino*, no qual relata a passagem de sua precária embarcação pela ilha senegalesa de Goree, recordando o fato de que naquele espaço havia funcionado um mercado de escravos. O escritor aproveita a referência para estabelecer a relação entre a diáspora africana na época da escravidão e a diáspora contemporânea provocada pelo fenômeno migratório. Muitos cidadãos africanos poderiam passar por aquela ilha inadvertidamente, sem sequer imaginar o passado que aquele lugar esconde. O comentário de Dia é revelador da consciência que o escritor detém sobre um trauma coletivo e histórico.

Quanto ao segundo tema, o da colonização, Dia também o aborda sob duas perspectivas, a do passado e a do presente. O autor atribui aos países europeus que exploraram países africanos como colônias a responsabilidade pelo estado de empobrecimento do continente, acusando também um processo de neocolonialismo contemporâneo que é cultural e propagado pelos meios de comunicação: os jovens africanos vêm abandonando sistematicamente os hábitos culturais africanos para incorporar hábitos europeus e norte-americanos. Esse estilo de vida tornou-se um ideal para a juventude africana que, carente de expectativa de futuro, passa a apostar na imigração como possibilidade única de melhora de vida.

Com relação ao terceiro tema, o da exploração contemporânea do continente africano pelas nações ricas, Dia acusa a ingerência desses países na corrupção política que assola os países africanos, a dependência econômica, o desequilíbrio nas relações comerciais, e a desigualdade entre europeus e africanos no que diz respeito ao direito de ir e vir.

Continuando no percurso geográfico, isto é, deixando a África rumo à representação que o escritor senegalês constrói sobre a Espanha, há um espaço intermediário que recebe do autor uma interessante representação imaginária: o mar, essa imensa e *sui generis* fronteira que separa as costas senegalesa e espanhola. No testemunho de Dia, o mar é representado como barreira a ser transposta para se ascender da inferior África para a superior Europa. A assimetria desfaz as possibilidades de interação, diálogo, equalização e troca cultural, embora o autor acredite no ideal da interculturalidade. Já no prólogo do relato, Dia pondera que, antes de se decidir pela imigração, sentiu que o futuro da juventude africana apontava em direção ao mar. Mais adiante, o autor abre o capítulo *Viajar*, no qual narra a travessia do oceano Atlântico, com um poema dedicado ao mar. Um procedimento recorrente no testemunho de Dia é o emprego da metáfora da

animalização do mar, representado como uma enorme besta feroz que devora e sacia sua fome com vidas africanas. Essa metáfora está presente no poema e se repete em trechos de prosa poética.

Mas, ao contrário de tantos que não tiveram a mesma sorte, Dia consegue vencer as ameaças do grande mostro faminto e chega finalmente à Espanha, o espaço que merece, por parte do escritor senegalês, a representação mais detida e complexa, pois ocupa 14 dos 25 capítulos. Na visão madura, consciente e crítica de Dia, a imagem do país como terra prometida é desmistificada desde o primeiro contato.

O testemunho de Dia possibilita uma visão descentralizada e profunda da Espanha, numa inversão da tradicional dialética eu *versus* outro. O eu que observa não é mais o homem branco europeu, mas o negro africano.

Ainda no prólogo de *3052*, a Espanha é metaforizada antiteticamente como um *infierno helado*, que continua a castigar os imigrantes depois do sacrifício ao qual se submeteram para imigrar. No capítulo *Salvados*, Dia relata a penúria do campo de refugiados, constatando que a ficção da Espanha sonhada não condiz com a realidade da Espanha vivida.

No capítulo *Las sorpresas en España*, Dia estabelece uma série de comparações entre a vida no Senegal e na Espanha. A visão sobre o país europeu é a de quem sofreu um choque cultural. O senegalês estranha as cidades espanholas, cujas superfícies são completamente cobertas de cimento, sente falta de pisar na terra. As cidades são metaforizadas como prisões, por causa da sensação de aprisionamento e de falta de espaço que o imigrante africano sente nelas. O narrador-protagonista admira-se do fato de que o trabalho humano tenha sido substituído por máquinas, e nota o quão barulhentas são as cidades espanholas, um ruído para o qual os ouvidos espanhóis parecem surdos. Dia analisa a relação que os europeus mantêm com o tempo: estão sempre com pressa, acelerados, dedicam-se muito ao trabalho, ao dinheiro e ao consumo, têm a vida programada em agendas. Na percepção do africano, é como se os europeus vivessem sabendo que lhes resta pouco tempo de vida. Nos rostos dos espanhóis, ele nota os efeitos da vida sob pressão. As relações humanas são distantes, faltam sorrisos e sobra frieza e seriedade. Em meio à multidão, todos parecem solitários. Dia percebe com estranheza a atitude de resistência ao envelhecimento, o desejo de aparentar ser eternamente jovem, a centralidade da preocupação com a aparência.

Com relação ao gênero literário, o testemunho de Dia é genericamente híbrido. A narrativa de testemunho é de fato a espinha dorsal do texto, mas o mesmo é atravessado

por poemas, prosa poética, epístolas e diário, como o capítulo *Un ejemplo de mañana dura*. Nesse texto, Dia relata a manhã em que, mesmo vivendo no “paraíso”, quase morreu de fome, recebeu uma ordem de expulsão do país e chegou a pensar em suicídio. Além de constantemente comparar Senegal e Espanha, Dia confronta as ideias preconcebidas sobre esses dois espaços às constatações oriundas de sua experiência, contrariando o senso comum.

Como observador da Espanha, Dia teve a oportunidade de contemplar o país em uma temporalidade histórica crucial: o período da grave crise econômica que se abateu sobre o país em 2008. Trabalhando em uma ONG promotora de inclusão social e de interculturalidade durante a crise, Dia conheceu a outra face da realidade espanhola, um país que assim como a África, sofria com a desigualdade social, a miséria, a drogadição, o abandono, a marginalidade e a violência, uma versão do país europeu que, segundo o autor, jamais aparece na mídia senegalesa.

No último capítulo do testemunho, *Carta a mi Hermano Assane*, Dia reproduz uma carta endereçada ao seu irmão mais jovem que permaneceu na África, desmistificando a imagem da Espanha como *el dorado*, e oferecendo uma visão africana sobre a crise econômica. O autor observa a escalada da pobreza no país e a submissão de trabalhadores espanhóis qualificados a subempregos, e reflete sobre como a situação dos imigrantes subsaarianos se agravou com a crise: eles tiveram de se sujeitar à prostituição, às formas de escravidão moderna, às redes de tráfico humano, tornaram-se os sem teto do país. Na carta, surge um tema recorrente nos testemunhos de imigrantes subsaarianos: o apelo à juventude africana para que não se deixe seduzir pela promessa da imigração, para que permaneça na África e ajude a construir o futuro do continente.

No testemunho do senegalês, a angústia do imigrante subsaariano perante a condição de ilegalidade é representada sob a figura geográfica do entre lugar. Ao abordar o tema da ilegalidade, Dia denuncia a crueldade e o contrassenso da legislação espanhola para a imigração: o país permite a entrada do imigrante, mas uma vez que ele se encontra em território espanhol, é considerado clandestino e destituído de quaisquer direitos à cidadania. Trata-se de um círculo vicioso: o clandestino não pode trabalhar legalmente e, sem trabalho formal, não há como obter a permissão de residência. Dia relata o quão difícil foi viver como clandestino em um país no qual políticos, inclusive os do mais alto escalão, são favoráveis à expulsão dos imigrantes ilegais.

O testemunho de Dia promove reflexões sobre a contradição das leis europeias com relação aos conceitos de homem e cidadão, no sentido de que o não cidadão perde

seu *status* de ser humano. O autor senegalês questiona o conceito de liberdade conforme o proposto na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na qual se embasam as constituições dos países europeus, relativizando a noção de liberdade sob a clandestinidade.

Até encontrar emprego, Dia viveu na rua, teve de procurar comida no lixo, beber água não potável nas fontes públicas. Os sentimentos relatados são de solidão, esquecimento, marginalização, isolamento, invisibilidade. A vida do imigrante é um constante viver no entre lugar, porque ele não está no espaço afável da terra natal, e tampouco sente-se acolhido e integrado no país de imigração. Dia desfaz a imagem da Espanha como país receptivo e agregador, e nega que a resistência à integração seja uma atitude dos imigrantes, e a atribui à sociedade espanhola. O escritor conta como foi vítima de racismo, além de ser visto como ameaça pelos trabalhadores espanhóis menos qualificados do que ele. No capítulo *Sin papeles*, o senegalês faz um clamor aos cidadãos europeus pela integração e aceitação da interculturalidade, e aponta a responsabilidade da Europa na condição da África atual refletindo, em um trecho de prosa poética seguido de um poema, sobre a condição do imigrante no entre lugar.

O objetivo desta resenha é despertar o interesse do público leitor para os testemunhos dos imigrantes subsaarianos radicados na Espanha. Esses textos ainda são escassos, mas dentre os já publicados, a obra de Dia se destaca pela literariedade, pois coloca uma sensível escrita poética a serviço da proposição de amplas e profundas reflexões temáticas. A narrativa do escritor senegalês não é incauta, aborda com propriedade os problemas do continente africano. Ao invés de apenas mostrar a África como violenta e caótica, Dia inverte a mira e aponta para as grandes potências mundiais como as responsáveis pela barbárie. O escritor imigrante demonstra consciência histórica e capacidade de análise da atualidade, promovendo discussões sobre temas como a escravidão e a colonização, sempre estabelecendo conexões entre a história e o presente. Em *3052* as noções preconcebidas sobre África e Europa são subvertidas, e a Espanha é revelada a partir de uma visão madura, lúcida, aguda e desmistificadora.

O valor do testemunho de Dia reside no fato de fazer com que a cêntrica Europa se veja a partir do olhar desse *outro* que, numa inversão de perspectiva historicamente recente, ocupa a posição e o poder enunciativo. E a Espanha, vista pelo avesso, já não parece tão bonita assim.

